

# Experiências do Véu: reflexões sobre conversões , gênero e corporalidade entre as mulheres muçulmanas na Mesquita Islâmica de Juiz de Fora<sup>1</sup>

Autora: Ana Clara Alves de Oliveira (UFF/RJ)

Pavras chave: islã; gênero; casamento;

## **Introdução**

O presente trabalho procura esquadrihar diferentes narrativas a respeito de um casal de muçulmanos brasileiros convertidos, tais dados foram produzidos durante minha pesquisa de campo entre 2016-2017 na mesquita islâmica da cidade de Libertas<sup>2</sup>. O casal em questão representava uma situação atípica dentro da mesquita, como se trata de uma comunidade interiorana, o grupo de muçulmanos que frequenta a mesquita é pequeno<sup>3</sup>. Esse núcleo social carrega as características imbricadas em pequenas comunidades, na qual todos conhecem a todos e todos possuem uma reputação (BAILEY, 1971). O casal em questão, pois, é considerado um modelo, que Os convertidos Márcia e Mohamed são indivíduos de classe média, possuem casa própria, carro, estabilidade financeira e o mais importante para essa argumentação: são considerados muçulmanos de conhecimento e autoridade dentro da mesquita.

Proponho, portanto, discutir a experiência da instituição<sup>4</sup> do matrimônio islâmico desses convertidos brasileiros. A partir da apresentação de diferentes perspectivas sobre o casamento busco delinear esse mosaico cultural, que perpassa por questões religiosas, sociais, culturais, hierárquicas e emocionais. Meu argumento é de que o islã se torna a estrutura ordenadora dessa experiência matrimonial, no entanto, essa ordem está sujeitas a críticas e mudanças a todo o tempo. Como esse é um assunto extremamente complexo aqui exponho apenas uma situação chave que se deu durante meu trabalho de campo e que foi se revelando ao longo do tempo que passei entre esses sujeitos.

O primeiro momento do texto é dedicado a debater a questão do casamento islâmico e seus contextos, a importância da perspectiva de gênero como fio condutor dessa discussão e uma breve caracterização do contexto a ser abordado. Passo então para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> O nome da cidade e dos sujeitos citados nesse texto foram trocados por nomes fictícios a fim de preservar a identidade dos envolvidos.

<sup>3</sup> Em média sessenta muçulmanos frequentam a mesquita de forma espaçada e a maioria é de convertidos.

<sup>4</sup> A partir da argumentação de Mary Douglas (1998) sobre a relação entre instituição e sociedade, entendo as instituições como estruturas do conhecimento que impõe sentido para a vida social e não o contrário.

a apresentação de três falas que remetem ao mesmo evento: uma crise no casamento desses muçulmanos convertidos. A primeira fala remete a uma conversa que tive inesperadamente com Mohamed, a segunda se trata de uma conversa com Márcia em uma confraternização das muçulmanas convertidas e por último narro fragmentos de uma entrevista que fiz com o shayk da mesquita na qual ele me dá a sua percepção dos eventos que vinham gerando conflito entre os muçulmanos que frequentam suas aulas e o espaço da mesquita.

O texto não desenvolve tipologias estáticas de situações sociais ou explica padrões de comportamento, a preocupação se centra em esclarecer a fluidez do mundo vivido no qual controvérsias, transações culturais, estabelecimento de hierarquias e ideologias religiosas estão sempre sendo reformuladas e reinterpretadas. Assim busco em uma literatura referente ao tema e a Antropologia o arcabouço necessário para sustentar tais reflexões teorizando minha própria experiência em campo e, sobretudo, traçando explicações empenhadas em compreender como essas “coisas da vida” se dão nesse cenário religioso.

### **1. Casamento de convertidos: um conglomerado cultural de hierarquias vacilantes**

Em seu artigo sobre sexualidade e desigualdade Ziba Mir-Hosseini (2012) questiona os juristas muçulmanos e sua elaboração das regras referentes ao matrimônio que regulam o casamento, a vestimenta feminina, e as suposições e teorias que sustentam seus argumentos. Ao distinguir a sharia (essa se refere ao passado, a totalidade dos desejos de Deus como revelada pelo profeta) e a fiqh (processo de interpretação humano e empenho em discutir e construir leis a partir dos textos do alcorão) a autora propõe uma reflexão sobre a formação da jurisprudência muçulmana e sua efetividade nos múltiplos contextos em que é exercida.

Ziba Mir-Hosseini explicita esses conceitos a fim de criticar a visão patriarcal pela qual o islã vem sendo interpretado e vivido. Em geral a autora defende que o islã não fala por si mesmo, são as pessoas que falam pelo islã e esse está em constante disputa e construção. Existem múltiplas interpretações de como a sharia deve ser executada, ou seja, várias escolas de jurisprudência que institucionalizam o islã e reproduzem suas ideologias socialmente. No entanto, os homens são os responsáveis por essas interpretações e sua implementação na organização social, que como na maioria das religiões assume caráter patriarcal.

I start from the premiss that assumptions about sexuality and gender in Islam, as in any other religion, are necessarily social/cultural constructions, thus historically changing and subject to negotiation. There is neither a unitary nor a coherent concept of sexuality and gender rights in Islamic legal thought, but a variety of competing concepts which, in part, reflect a tension in the sacred texts between ethical egalitarianism as an essential part of their message and the patriarchal context in which this message was unfolded and implemented (AHMED 1991: 58). This tension enables both proponents and opponents of gender equality to claim textual legitimacy of their respective positions and gender ideologies. (MIR-HOSSEINI, p.126, 2

A fim de explorar esses argumentos a autora se concentra na questão do matrimônio e das regras que condicionam as mulheres a posições de subordinação. Muitas autoras<sup>5</sup> criticam as desigualdades de gênero inscritas nas sociedades muçulmanas e a literatura mais recente busca compreender essas posições de gênero por uma perspectiva pós-estruturalista que questiona o significado de agência e liberdade (MAHMOOD, 2005). A discussão sobre gênero no Oriente Médio tem se tornado cada vez mais intensa, principalmente em torno da temática *mulheres e islã*, que já percorre um grande escopo bibliográfico. Em seu artigo sobre a escola feminista contemporânea e estudos de Oriente Médio Deniz Kandiyoti (2007) fornece alguns dados que esclarecem o desenvolvimento desses estudos e as tendências teóricas da atualidade.

Segundo Kandiyoti (2007) as mulheres muçulmanas eram um desafio para o senso comum das Ciências Sociais. O feminismo radical e seu cerne ocidental- que entendia o patriarcado como estrutura universal- produziam reflexões superficiais e etnocêntricas à respeito desses contextos. Em meados do século XX inicia-se uma crítica sobre a produção do conhecimento e discursos de caráter incontestável passam a ser debatidos. Assim, o próprio feminismo sofreu críticas internas e percebeu a necessidade de deslocar suas teorias da dualidade opressor/subordinado. A questão da construção do corpo, definições de gênero, críticas ao orientalismo são vertentes que integraram teorias revolucionárias sobre mulheres e islã.

O feminismo pós- estruturalista<sup>6</sup> aponta uma abertura na teoria e, portanto, a criação de novas perspectivas a respeito do que se entendia como agência e liberdade, poder e opressão. O feminismo contribuiu para a percepção da condição social da mulher

---

<sup>5</sup> Autoras como Lila Abu-Lughood, Leila Ahmed, Saba Mahmood, Lara Deeb entre outras.

<sup>6</sup> Essa fase é marcada principalmente com pela obra da filósofa Judith Butler “Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade” (2003).

e também para o debate que desejo chegar: a figuração das instituições sociais e práticas culturais:

(...) In this perspective, social institutions do not merely reflect some unitary patriarchal logic but are the site of power relations and political processes through which gender hierarchies are both created and contested. Families, educational institutions, the law, the Market, the state and the military, all contribute to and are shaped by cultural constructions of gender, often producing complex and mutually contradictory effects. (KANDIYOTI, Deniz, p.17, 2007).

A autora ainda defende que o foco de gênero na análise das instituições sociais traz a vantagem de incluir uma dimensão temporal e sensibilidade às mudanças nos contextos abordados que modelam e constroem agendas locais (KANDIYOTI, Deniz, 2007). A instituição social em questão é o casamento de convertidos muçulmanos no Brasil. O islã vivido e adaptado por esses devotos, a construção familiar que exercem a partir dessas coordenadas religiosas e os delineamentos de hierarquia e poder que essa relação compõe.

De acordo com a teoria antropológica de Fredrik Barth (2010) deve-se analisar a vida tal como ela ocorre no mundo, ele critica o olhar estático com que muitas vezes as convenções antropológicas analisam seu objeto de estudo e afirma que não há cultura que não seja um conglomerado resultante de acréscimos diversificados. Barth critica a Antropologia que enxerga coerência lógica em toda cultura negligenciando histórias que compõem o mosaico cultural dos contextos sociais. Segundo o autor as realidades das pessoas são culturalmente construídas e mudam a todo o tempo. E dessa forma Barth compreende a tradição religiosa, que está sempre em disputa e diálogo e se recria a cada vez que é reproduzida.

A partir do caso que descreverei pretendo observar a distribuição da tradição islâmica em relação ao casamento, ou seja, como essa dinâmica do “islã que viaja” vai se delineando em determinados contextos (LEICHTMAN, 2010). A fim de perceber como os atores se posicionam em relação a tradição e aquilo que reproduzem em sua vida cotidiana. Procuo utilizar a teoria antropológica de Barth de que a atividade social é uma contínua produção de mundo. No Brasil o islã é uma religião em crescimento, que agrega cada vez mais brasileiros convertidos. Os mesmos transformam suas vidas com o propósito de vivenciar essa religiosidade aparentemente exótica. Esse artigo busca compreender a dinâmica de um casal de brasileiros convertidos ao islã, que diante da

comunidade a qual estão associados são vistos como um casal de destaque por inúmeras razões.

Como a sharia é interpretada por esses sujeitos e como eles decidem experimentar o islã em contextos nacionais são movimentos que compõem cenários peculiares, repletos de dinâmicas e acordos culturais que sustentam certa visão de mundo. Para tanto gostaria de retomar alguns dados de minha pesquisa de campo realizada em 2016 na mesquita islâmica de Libertas. O casal a qual me refiro se casou tanto em cartório como no islã e representam uma situação praticamente ideal de matrimônio dentro dessa comunidade. Márcia e Mohamed eram indivíduos importantes na comunidade que estudei, visto que ambos eram líderes perante as movimentações que ocorriam na mesquita. Os dois eram jovens, Márcia tinha 32 anos na época e Mohamed 38, eles tinham dois filhos juntos e os criavam “dentro da religião”, o que implica em ensinar os filhos a fazer as orações, a respeitar as regras de conduta muçulmanas e a frequentarem a mesquita.

Muito da literatura sobre conversão no Brasil se constrói em torno da trajetória de mulheres brasileiras que se converteram ao islã, questões sobre trajetória, motivações emocionais e crises de vida estão sempre associadas a essa transição, e a motivação matrimonial muitas vezes é apresentada como argumento central nesse processo de imersão religiosa. O caso de Márcia é peculiar, visto que, ela não desejava se casar quando se converteu ao islã e só após dois anos de convertida é que encontrou Mohamed. Esse enfatiza que foi difícil convence-la a se casar e que precisou da ajuda da prima dela para concretizar a união. Márcia era professora de literatura e inglês, tem pós-graduação na área de Educação, possui carteira de motorista todas essas habilidades nos levam a perceber nela uma personalidade que permeia a independência e autonomia.

Mohamed por outro lado já havia se casado duas vezes antes de se converter ao islã e desses relacionamentos teve dois filhos. Ele é convertido há mais de 16 anos e ao longo desse período afirma ter tido alguns interesses por pessoas da mesquita e mulheres muçulmanas que conheceu na internet. Após sua conversão ele se casou uma vez, mas conta que a moça não aceitou bem sua religião, portanto, logo a união foi breve. Alguns anos depois encontrou Márcia nas redes sociais, que como ele afirma “era uma muçulmana exemplar”, eles se casaram e tiveram dois filhos, constituindo assim uma família muçulmana brasileira. Como citado acima, ambos acreditam ser melhor criarem seus filhos dentro da religião e prezam para que essa educação religiosa seja bem sucedida.

Para analisar a questão do matrimônio muçulmano no contexto estudado selecionei três episódios que pude presenciar em minha pesquisa de campo, buscando assim ilustrar a teorização que desejo traçar. O primeiro se trata de uma conversa que tive com Mohamed sobre casamento e paternidade. A segunda busca retratar um dos encontros que tive com Márcia no qual discutimos sexualidade, opressão e casamento. O terceiro episódio se trata dos comentários que o shayk da mesquita havia confidenciado a mim em uma conversa sobre os relacionamentos amorosos da mesquita.

## **2. As mulheres muçulmanas são muito mimadas?**

Em uma das minhas primeiras conversas com Mohamed ele parecia inquieto e apressadamente acabou me narrando alguns de seus problemas pessoais. Nessa época eu ainda não conhecia Marcia, apenas sabia que Mohamed era casado com uma moça que costumava frequentar a mesquita, mas precisou viajar e há meses não aparecia por ali. Nesse dia nos sentamos nas cadeiras de plástico no centro da mesquita e perguntei a ele sobre a mudança de nome<sup>7</sup> pela qual optou e assim se iniciou uma conversa que me lembro vivamente até hoje. Mohamed me contou que seu nome era Daniel e que achou necessário mudar seu nome após a reversão<sup>8</sup>. Ele contou que havia sido criado em uma família completamente sem direção religiosa, ao mesmo tempo em que eram católicos, frequentavam o terreiro e o centro espírita, seu pai bebia muito e nunca aceitaram muito bem sua conversão ao islã. Ainda me relatou que sua família tinha um comportamento que julgava errado, bebiam e faziam festas e não conseguiam compreender porque ele deixou de frequentar esses eventos familiares e que seu pai sofria com suas recusas em ir ao bar com ele. Chegou então a falar de seus relacionamentos amorosos, me contou de seus casamentos anteriores e de suas esposas. Reclamava de sua situação atual com Márcia:

“As mulheres no islã são muito mimadas, manhosas. Tem que cuidar dos filhos e da casa e reclamam que nada está bom. Eu trabalho fora e sustento todos os meus filhos e a minha família... eu acho muito difícil

---

<sup>7</sup> Muitos convertidos mudam de nome após realizarem a *shahada* (ritual de conversão). Essa mudança não é obrigatória e na maioria das vezes não é oficializada em documentos de identidade. Está vinculada a uma transformação abstrata que envolve o sentimento da devoção e da fé. Muitos afirmam que a mudança de nome era necessária, já que, seu nome “de batismo” remetia a figuras cultuadas no cristianismo, como nomes de santos e santas. Outros mudam apenas para se sentirem mais próximos do islã, mudar de nome pode ser uma ação poderosa dentro do processo de conversão.

<sup>8</sup> O termo revertido se refere a categoria nativa usada pelos convertidos (e por vezes nascidos) para designar pessoas sem descendência árabe ou islâmica, que decidem se converter ao islã. Eles explicam que o processo se chama reversão e não conversão, pois, no islã, acredita-se que todas as pessoas nascem muçulmanas, basta se voltar (reverter) a Deus para ser mais uma vez muçulmano.

entender ela. Agora está passando um tempo com a mãe dela e levou as crianças, nem sei quando vai voltar, tudo fica irritada.”

Ele considera sua relação com Márcia mais delicada que com as esposas anteriores, pois, ela possui muitas exigências e como muçulmana, poucos deveres em relação a ele. Ao dizer que ela é uma mulher mimada, ou manhosa Mohamed implica que ela demanda muito esforço e trabalho por parte dele para se satisfazer no matrimônio. As suas expectativas em relação ao casamento no islã estavam sendo frustradas, isso porque, criam-se idealizações entre os convertidos sobre a questão do matrimônio. Existe uma tensão implícita na narrativa de Mohamed entre aquilo que ele considera o papel da mulher e a situação real que o desafia. Para ele o islã é uma religião que delega à mulher o dever de educar os filhos e administrar o âmbito doméstico e o homem deve prover para a esposa e os filhos. Mohamed ainda disse que Márcia não queria ter filhos e quando engravidou pela segunda vez passou por crises pessoais, retornando por um período à casa de sua mãe. Ou seja, ele a crítica por não se enquadrar no padrão de muçulmana ideal que ele mesmo cria.

Nesse caso seria difícil esmiuçar o que é componente religioso, o que é social/cultural, mas é possível visualizar que o islã funciona como uma estrutura ordenadora da vida entre os convertidos. O casal em questão tem como parâmetro os ensinamentos religiosos e atuam com o objeto de se aproximar desses parâmetros. Por causa do casamento e dos filhos Márcia parou de trabalhar e passou a se dedicar aos afazeres domésticos e maternais. Durante o tempo em que convivi com Márcia pude perceber que ela sempre retomava as lembranças de seu passado na mesquita de sua cidade natal como um momento de felicidade e realização e era difícil para ela assumir essa postura de “dona do lar”. Mas era aquilo que ela exercitava em seu dia a dia, com maior ou menor êxito aos olhos de seu marido.

## **2. Sacrifícios e companheirismo: um veste a roupa do outro**

Em um segundo momento de minha pesquisa de campo, meses depois de conhecer Mohamed tive a oportunidade de conhecer sua esposa Marcia. Ela era uma figura importante entre as mulheres revertidas, possuía o prestígio da “mulher de conhecimento” e o respeito por ser uma mulher de família. Márcia representava um modelo de convertida, casada com um convertido, com filhos e uma boa situação financeira. Diferente da maioria das mulheres convertidas que frequentavam a mesquita ela tinha ensino superior, experiência de trabalho e confiança em seu conhecimento sobre o islã. Em muitas de nossas conversas ela afirmava ser uma feminista e sempre enfatizava que ser muçulmana

não é ser oprimida. Marcia sempre me falava que a mesquita de Libertas “era assim”, que as mulheres não se interessavam pelas atividades da mesquita e que toda vez que ela se empenhava em organizar alguma coisa ou “dava briga” ou ninguém se interessava. Narrava com pesar as mudanças às quais se sujeitou por conta do casamento, pois, teve que deixar sua antiga mesquita e parar de trabalhar para cuidar dos filhos.

Em uma confraternização das mulheres convertidas falávamos sobre casamentos e as experiências das mulheres com seus maridos e ex maridos (anteriores a conversão).

Márcia disse:

No islã o casamento é assim um tem que ser a roupa do outro. Um tem que estar ali pelo outro o tempo todo, se não não dá certo. Se eu faço as coisas da casa e cuido das crianças é porque sei que ele está trabalhando pela mesma coisa. É difícil, mas tem que ter companheirismo. Eu nunca quis casar antes de ser muçulmana, nunca me interessei em ser mãe antes e o islã mudou isso em mim.

Percebe-se que a perspectiva de Márcia é bem diversa à de seu marido. Seu discurso sobre matrimônio permeia as noções de complementariedade e sacrifícios. Ela se ajusta as mudanças a fim de facilitar a vida da família. Se antes do islã o trabalho e a independência eram prioridades, após a conversão o casamento e a educação dos filhos ordenam seu cotidiano. Isso não significa que Márcia não tenha críticas e receios em relação a sua condição atual, era nítido que entrava em conflitos morais internos, mas isso não significa que deixava de se empenhar em sua conduta religiosa. Nessa mesma conversa, quando falávamos sobre a poligamia no islã ela me disse:

“Não é desse jeito, o marido não sai casando com outras mulheres sem a permissão da primeira esposa. Eu sou uma pessoa muito egoísta, sempre fui religiosa, mas sou muito egoísta. Jamais dividiria um marido ou aceitaria outra pessoa na minha família. O islã está mudando isso em mim, eu sou mais generosa com as pessoas, com minhas amigas, mas nem penso nessa coisa de poligamia, o islã é para o bem da família. E mais ... esposa não é propriedade do marido, isso não esta em lugar nenhum, você tem seus deveres, que tem que cumprir né, mas o marido não te manda, ele tem os deveres dele também né.”

O matrimônio para ela não é um espaço exclusivamente opressor no sentido patriarcal, mas de disputa e debate, de acordos constantes que permeiem da melhor forma os ensinamentos islâmicos. A poligamia para ela é um absurdo, algo inconcebível no contexto brasileiro e inadmissível para ela como esposa. Suas aflições a respeito do marido estão mais ligadas a esse tipo de comportamento “vulgar” do que se está o agradando ou desagradando. Para ela já é desafio suficiente como “pessoa egoísta”



dedicar sua vida a família e a religião exclusivamente. Cabe aqui retomar brevemente a questão da escolha da mulher, no caso, uma católica brasileira, em se converter ao islã.

Em seu trabalho sobre a construção de agência devota de mulheres no Cairo, Egito, Saba Mahmood discute ideias feministas teorizando o contexto religioso e as inclinações pessoais que levam as mulheres a formarem um movimento religioso de revivalismo islâmico<sup>9</sup>. Mulheres que decidem usar o véu, frequentar aulas na mesquita e organizar suas ações a partir da religião se tornaram um desafio para teoria feminista, no entanto, Mahmood propõe um caminho de análise que nos ajuda a entender a perspectiva dessas mulheres. De acordo com a autora a agência dessas mulheres está voltada para a aspiração de organizar suas vidas de acordo com os padrões islâmicos da conduta virtuosa. Trata-se então, do desejo de habitar a norma, da escolha por desenvolver um “self ético” tanto internamente quanto externamente. Quando Márcia fala a respeito de seu egoísmo ela está se fazendo uma autocrítica, direcionada tanto para seu íntimo como sua performance pública e o islã funciona como corretor moral que atua para “melhorar” esse defeito.

Márcia escolheu se tornar muçulmana, se tornar esposa e constituir família, isso porque ela age em função dos parâmetros religiosos, ela age em torno de uma necessidade íntima que almeja estar dentro de certa estrutura. Mesmo que desgoste da ideia de não poder mais trabalhar, de ser responsável pela educação de seus filhos, sua conduta cotidiana reifica uma identidade performativa de gênero que atua dentro de normas, no caso, regras vinculadas ao ideal da mulher muçulmana sob o qual Márcia constrói sua identidade. Segundo Mahmood as normas não são apenas uma imposição social no sujeito, mas, constituem a própria substância de seu íntimo. O casamento e as normas que esse implica são cruciais para o estabelecimento dessa identidade, essas regras definem o que ela é e o que aspira ser.

Em seu trabalho sobre a construção da autoridade de mulheres muçulmanas chinesas Maria Jaschok e Shui Jingjun analisam o papel da mulher no processo de modernização da religião. Nesse contexto chinês o conhecimento se torna um caminho para a independência, pois, proporciona a conquista de espaço dentro da mesquita. Esse é um espaço de aulas, palestras, reuniões religiosas que concede as mulheres agência

---

<sup>9</sup> O *revivalismo islâmico* remete ao cenário de reinvenção do islã na década de 1970, manifestados em mobilizações populares inovadoras que incluem uma maior participação feminina em grupos religiosos e novas formas de se compreender a doutrina islâmica e novas maneiras de se viver as normas que essa imbrica na experiência de ser muçulmano, tanto nos países árabes quanto em outros lugares do mundo.

dentro dessa estrutura religiosa. No cenário apreendido em minha pesquisa pude perceber que o conhecimento da religião para as mulheres corresponde a deter poder. Quando uma mulher convertida sabe citar o alcorão e empregar os ensinamentos dos hadith<sup>10</sup> do profeta Maomé no cotidiano ela é uma mulher que merece respeito e que exerce influência entre as outras. Márcia utilizava seu conhecimento religioso para justificar sua conduta e para se defender de ações que não achava corretas. Muitas vezes ela corrigia as mulheres da mesquita, dava exemplos e as explicava inúmeros dos “equivocos” que cometiam.

Se a preocupação de Mohamed com seu casamento era sobre como estar em uma posição de poder, criando certa hierarquia, a preocupação de Márcia não despontava na direção oposta. Não obstante, ela também procurava se articular a fim de conquistar seu espaço, tanto dentro do casamento, quanto na mesquita. Se o islã praticado possui cunho patriarcal as mulheres instrumentalizam suas possibilidades não para inverter esse panorama, mas para habitá-lo, e habitá-lo significa debater as regras e reinventá-las. O casamento não é uma instituição que as força a agirem de determinada forma, elas se esforçam no desempenho de uma conduta moral e exigem que seja uma via de mão dupla. Há interesses de ambas as partes e expectativas em relação ao que um casamento deveria ser na experiência vivida.

### **3) Nos bastidores da notícia: o que acontece com o islã se todo mundo trazer sua cultura para a mesquita?**

O shayk da mesquita estava sempre se preocupando com os casamentos das mulheres convertidas. A maioria dessas mulheres eram mais velhas, entre quarenta e cinquenta anos. Assim quase todas possuíam histórico de divórcios e separações, filhos e até mesmo netos decorrentes de sua vida antecedente a conversão. E procuravam possíveis pretendentes, nas redes sociais<sup>11</sup> e na própria mesquita. Segundo o sheik e outras revertidas, Mohamed praticava certas indiscrições em meio a essas circunstâncias de buscas conjugais. As ações do convertido o conduziram a sérias crises familiares. O shayk me confidenciou:

Vou contar pra você algumas histórias aqui da cidade. Aqui a maioria das revertidas são solteiras. Pode contar Safina, Aisha, Raissa, Karina, Marcela e na verdade isso é grande problema. Eu sou solteiro, tenho noiva que tá no Egito, mas vai chegar logo, se Deus quiser.(...) Agora Mohamed tem um problema sério... ele gosta muito de mulheres.

---

<sup>10</sup> É um conjunto de textos antigos sobre a vida do profeta Maomé, descrevendo suas palavras, ações e trajetória de vida.

<sup>11</sup> Geralmente grupos nas mídias Facenook, Instagram e WhatsApp.

Quando a Larissa apareceu aqui ele ficou dando em cima dela na frente de todos, depois veio com a ideia de querer casar com Larissa. Isso não existe, brasileiro não entende casamento em islã. Isso deu o maior problema porque Márcia pegou os filhos e foi pra casa da mãe... Mohamed nunca que vai encontrar uma mulher como Márcia, pode rodar o mundo e não vai achar. Eu disse que achava errado, conversei com ele, depois Larissa parou de vir aqui.(...)

Após esse relato pude apreender que o casamento não acontece apenas para o casal, que se desdobra para desempenhar certas condutas, atender a regras religiosas, educar os filhos dentro da religião. O casamento acontece para toda a comunidade<sup>12</sup> em que estão inseridos, que observam mais ou menos atentos seus dramas e opina sobre seus contratempos. Quando Mohamed chama Márcia de muçulmana mimada ele quis dizer que já dá tudo à esposa e ela por sua vez não lhe concede o mérito que deseja, ou a permissão que ele gostaria para exercer esse tipo de conduta. Mohamed usa o argumento da poligamia islâmica praticamente como instrumento de canalização de seus desejos.

Como mencionado acima todos na mesquita consideram Marcia uma mulher virtuosa, era elogiada pelas demais irmãs e respeitada pelos homens. Mohamed foi responsável pelo que podemos considerar a humilhação social de Marcia, no sentido de que sua reputação de mulher virtuosa não foi o suficiente para conter as atitudes de seu marido e todos da comunidade estavam inteirados dessa situação e “focavam” sobre o ocorrido. Tal repercussão fez com que Marta se sentisse constrangida sendo que durante algum tempo ela foi ficar com sua mãe em outra cidade e parou de ir à mesquita. Quanto a Mohamed, não lhe foi possível concretizar seus anseios, segundo me contaram Larissa não aceitou seu pedido de casamento e nem recebeu bem seus flertes, a jovem se afastou da mesquita.

Segundo o shayk o que Mohamed faz é deturpar a lei islâmica em favor de seus desejos pessoais, tal conduta não se refere ao que ele aprendeu no islã, mas sim à sua experiência de vida brasileira, onde os flertes e a infidelidade serial ações praticamente corriqueiras. Para o shayk é um absurdo que Mohamed tenha tido essas inclinações, ele sente que os brasileiros não entendem o islã e se aproveitam de suposições superficiais relacionadas à doutrina religiosa. Colocam-se em questão o poder, o valor da tradição e

---

<sup>12</sup> Frederick Bailey (1971) discute a ideia de uma pequena política do cotidiano que é desenvolvida centralmente a partir de reputações. Essa “pequena política” comunitária constrói subjetividades e relações sociais. Todas as pessoas que comparecem a mesquita como revertidos, nascidos, curiosos e simpatizantes (esses chamados de amigos da mesquita, como em meu caso), cumprem papéis e possuem reputações específicas. Para o autor a reputação são aquelas características acionadas por outros para descrever ou citar um sujeito e todos possuem uma reputação seja ela positiva ou negativa de acordo com os valores internos que regem essa micropolítica.

as transformações que o islã sofre quando esse se torna transnacional (LEICHMAN, 2010). O shayk sempre enfatizava sua reflexão “O que vai acontecer com o islã se cada um trouxer sua cultura pra mesquita?”

A despeito de infidelidades e formas corretas de ser muçulmano o quadro descrito representa uma tradição que é habitada. Isso significa que o casamento de convertidos muçulmanos no Brasil não irá reproduzir fielmente o casamento de muçulmanos árabes, seria completamente impossível viver um islã de “apenas uma cultura”. Se como Barth afirma a tradição é disputada e transformada a todo tempo, e como Talal Asad (1986) argumenta não há um islã estático a ser reproduzido. Em cada tempo e espaço esse será diferente. A tradição, mesmo que religiosa está aberta, é um cerco de disputas e segundo Asad o poder seria o elemento que impulsiona essas mudanças. A realidade é muito mais dinâmica do que podemos apreender em apenas um caso. Mas percebe-se que o caso das conturbações matrimoniais desse caso forma em si esse conglomerado cultural de disputas do que é certo e errado, disputas sobre gênero e poder e debates sobre desejos e ações que fluem do íntimo do sujeito diretamente para suas articulações sociais. O islã vivido por esses brasileiros não é igual a nenhum outro, vem construindo sua própria “forma correta” e adentrando novos contextos todos os dias.

### **Considerações finais**

Dentre as diversas questões abordadas nesse artigo gostaria de destacar duas reflexões centrais provenientes das narrativas apresentadas. Vimos como esses sujeitos articulam a religião islâmica como modelo e inspiração para suas ações cotidianas, o islã é a fonte ordenadora, o cerne da sabedoria necessária para se exercer a conduta moral que almejam. Mas a efetividade dessas dinâmicas extrapola a esfera religiosa e recai sobre questões de gênero, agência, poder e escolha individual. Apesar de verem no islã um manual de regras de conduta essas estão sujeitas a interpretações e dissociações. Mohamed usou da tradição poligâmica islâmica da forma que lhe foi conveniente em determinado momento, causando choques culturais e morais vindos de várias direções. Ou seja, ser muçulmano no Brasil é uma experiência conflituosa, apesar do esforço desses convertidos em praticar o “islã de verdade”- o islã do fascínio árabe e da veneração de países majoritariamente islâmicos- esses indivíduos acabam por construir suas verdades a cada dia. Isso não quer dizer que não haja a inspiração da tradição islâmica os ensinamentos do alcorão e dos hadith do profeta Maomé, essa está operando substancialmente, mas também está se transformando, está “sendo habitada”.

A segunda reflexão está voltada para problemáticas de gênero e suas implicações. Acima mencionei que muito da literatura sobre mulheres convertidas está voltada para a trajetória de vida dessas mulheres e do evento da crise de vida, essa crise as motivaria a investirem em novas jornadas espirituais. E essas observações são facilmente enquadradas ao que presenciei em meu trabalho de campo, mulheres com vidas descompassadas, sem norte, acham no islã a “resposta para suas inquietações,” seja no sonho do casamento ou na disciplina exigida para ser muçulmana e fazer as orações, praticar recitações do alcorão em árabe ou usar o véu. Mas o caso de Márcia diverge dessas resoluções.

Ao olhar novamente para sua experiência e percebendo suas angústias compreendo que o casamento islâmico é para ela uma crise de vida. Não apenas pelas indiscrições de Mohamed, mas, porque ao se casar ela se desfez de aspectos de sua vida que a definiam como sujeito. Largou seu emprego, se distanciou da mesquita de sua cidade natal e da sua autonomia financeira em prol da construção de “um sonho muçulmano” da família de bem, sendo essa sua prioridade. Ainda sim, todo esse esforço é uma escolha, estar inserida nesse tipo de estrutura é uma escolha devota, a escolha de fazer daquilo que entende como moralidade muçulmana um ato de agência (MAHMOOD, 2005).

### **Referências Bibliográficas**

AHMED, Leila. *A quiet Revolution*. Copyright Yale University, 2011.

ASAD, Talal. *The Idea of an Anthropology of Islam*. Washington D.C. Occasional Papers Series. 1986

BAILEY, F. G. *Gifts and poison: the politics of reputation*. New York: Schocken Books. 1971

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Sujeito e História: 2003.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade na Antropologia. *Novos Estudos*, CEBRAP: Nº 21, pp. 133-157, julho de 1988.

DOUGLAS, Mary. *Como pensam as instituições*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

LEICHTMAN, Mara A. Migration, war, and the making of a transnational Lebanese Shi'i community in Senegal. *Int. J. Middle East Stud.*: n.42. Cambridge University Press, 2010.

KANDIYOTI, Deniz. Contemporary Feminist Scholarship and Middle East Studies. In: Org. KANDIYOTI, Deniz. *Gendering the Middle East: emerging perspectives*. London: I. B. Tauris, 2007.

MAHMOOD, Saba. *Politics of Piety: The Islamic Revival and the Feminist Subject*. Princeton University Press: Princeton, 2005.

MIR-ROSSEINI, Ziba. Sexuality and inequality: the marriage contract and Muslim legal tradition. In:

JASCHOK, Maria e JINGJUN, Shui. Purity, sexuality and faith: Chinese women *ahong* and women's mosques as shelter and strength. In: *Sexuality in Muslim contexts, restrictions and resistance*. Ed. HÉLIE, Anissa and HOODFAR, Homa. London: Zed Books, 2012.